



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA INGLESA**

RAÍSSA PAULINO DE LUNA

***EMMA*, DE JANE AUSTEN:
ATTITUDES TRADICIONAIS E MODERNAS NA
PRÁTICA DE *MATCHMAKING***

CAMPINA GRANDE - PB

2014

RAÍSSA PAULINO DE LUNA

***EMMA*, DE JANE AUSTEN:
ATITUDES TRADICIONAIS E MODERNAS NA
PRÁTICA DE *MATCHMAKING***

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Inglesa.

Orientador: Professor Mestre Suênio Stevenson Tomaz da Silva.

CAMPINA GRANDE - PB

2014



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2021.

Sumé - PB

Raíssa Paulino de Luna

***EMMA, DE JANE AUSTEN: ATITUDES TRADICIONAIS E
CONTEMPORÂNEAS NA PRÁTICA DE MATCHMAKING***


Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Língua Inglesa da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial à
conclusão do curso.

Aprovada em ____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Prof. Ms. Suênio Stevenson T. da Silva - UFCG

Orientador



Prof.^a Dra. Danielle Dayse Marques de Lima - UFCG

Examinadora 1

Prof. Ms. Normando Brito de Almeida - UFCG

Examinador 2

CAMPINA GRANDE - PB

2014

SUMÁRIO

1. Introdução	05
2. Jane Austen e sua obra	07
3. Algumas considerações acerca do <i>matchmaking</i>	16
3.1. <i>Matchmaking</i> no tempo de Jane Austen	17
3.2. <i>Matchmaking</i> nos dias atuais	22
4. Emma: a casamenteira.....	30
5. Considerações finais	39
6. Referências	40

RESUMO

O presente trabalho visa analisar de que forma a prática de *matchmaking* é apresentada no romance *Emma*, da escritora inglesa Jane Austen, avaliando quais critérios - tradicionais ou modernos – são utilizados pelos casamenteiros desta obra, particularmente pela personagem principal, Emma, quando tentam unir um casal. A análise é feita através de estudos sobre o *matchmaking*, estes denotando as particularidades desse costume na época em que Austen viveu e nos dias atuais. Também é usado como respaldo teórico artigos e livros que examinam minuciosamente as características dos livros da autora. Ao observar a realidade dessa prática nesses dois períodos de tempo, nota-se que esta se transformou ao longo do tempo, evoluindo, saindo de uma sociedade onde esse costume era basicamente sinônimo de casamento arranjado, e cujo principal motivo era a ascensão social da família dos noivos para uma na qual o *matchmaking* tornou-se, para uns, uma ótima oportunidade de negócio, uma vez que o próprio indivíduo voluntariamente busca a ajuda de outros para encontrar seu par perfeito, e para outros uma oportunidade de ajudar pessoas queridas a encontrar a felicidade e se divertir um pouco brincando de cupido. Considerando tais reflexões, será averiguado no romance de Austen citado que certos parâmetros da prática de *matchmaking*, embora ainda levados em conta, estavam dando lugar a outros mais modernos, o mesmo sendo para as estratégias usadas pelos casamenteiros da narrativa para alcançarem seu objetivo de juntar os pretendidos casais, e sua importância e significação, que garantem que *Emma* ganhe o *status* de atemporal.

Palavras-chave: *Matchmaking*. *Emma*. Jane Austen. Casamenteiros.

Introdução

Jane Austen, dois séculos depois, ainda é considerada uma das melhores escritoras inglesas de todos os tempos. A ironia, o senso de humor e as críticas à sociedade que marcam seus livros, além da presença de temas atemporais e universais, com os quais o leitor pode se identificar, resultaram na aquisição de um vasto grupo de leitores. Seu livro *Emma* não é exceção, e traz um tópico bastante interessante: o *matchmaking*.

Levando em consideração, então, o principal assunto da obra acima citada, esta monografia trata das mudanças que a prática de *matchmaking* sofreu ao longo do tempo e busca detectar quais características desse costume pertencentes à época de Jane Austen e quais pertencentes à atualidade estão presentes em *Emma*, e seu significado.

Assim, este trabalho tem como objetivo geral analisar como o *matchmaking* é manifestado na narrativa de *Emma*. No núcleo desse objetivo, há outros mais específicos, que são: (a) evidenciar quais critérios são usados pelos personagens em sua decisão sobre quem formaria um bom casal; (b) diferenciar quais desses critérios revelam a permanência da tradição na prática de *matchmaking* e quais revelam a transformação desta; (c) averiguar que táticas os personagens se utilizam para juntar os casais e interpretá-las; e (d) identificar e avaliar os motivos que levam os personagens a tentarem sua sorte como casamenteiros.

As razões por trás da escolha do assunto dessa monografia são várias: (a) Jane Austen é um cânone da literatura inglesa e uma escritora pioneira do século XIX; (b) porque, embora haja artigos e das pesquisas relacionados às obras de Austen, poucos abordam a questão do *matchmaking*, muito menos assinalam as mudanças deste sendo retratado na obra (3), porque a maior parte dos artigos analisa *Orgulho e Preconceito*, deixando de lado os outros livros da autora, como *Emma*, apesar da obra apresentar grandes possibilidades de análise e crítica.

Para a realização dessa análise, irei contar com várias fontes bibliográficas, livros, artigos e sites, que abordam os assuntos que serão abordados: sobre a própria Jane Austen e sua obra, sobre o *matchmaking* no tempo da autora e nos dias atuais.

A monografia está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, discorrerei sobre a autora, falando sobre suas obras, aprofundando e expondo as diferentes características presentes nos livros, assim como as críticas sobre seu trabalho e sobre a própria romancista, no intuito de situar o leitor sobre ela. No segundo capítulo, irei focalizar a questão do *matchmaking*, trazendo à tona suas peculiaridades no período em que Austen viveu e na atualidade. Por último, no terceiro capítulo, examinarei o modo como *Emma* e os outros

personagens tentam unir os casais desejados, suas técnicas e seus motivos, além das considerações que julgam importantes ao decidir quem deve casar com quem.

1. Jane Austen e sua obra

Jane Austen é uma das escritoras mais renomadas da literatura inglesa. Pode-se dizer que sua carreira começou na adolescência, quando escreveu uma série de paródias, algumas estreando membros de sua família, a que deu o nome de *Juvenilia*. Aos vinte e um anos, começou a escrever *Primeiras Impressões*, terminando no ano seguinte, que em 1810 revisou, terminando em 1813 e transformando-o em *Orgulho e Preconceito*. Em 1797, começou a converter o manuscrito *Elinor e Marianne* em *Razão e Sensibilidade* (que foi publicado em 1811), e nos anos de 1798 e 1799, escreveu *A Abadia de Northanger* (naquela época chamado *Susan*) e *Lady Susan*. Entre 1811 e 1813, escreveu *Mansfield Park*, que foi publicado um ano depois. Depois veio *Emma*, que foi publicado em 1816, e por último *Persuasão*, que a autora terminou em 1816, sendo publicado em 1818.

Quanto à vida pessoal de Austen, é inegável que sua vida familiar serviu de grande inspiração para a autora. Muitos acreditam que, ao ler um livro, conhecemos também o autor, suas aspirações, suas crenças e até mesmo seu passado. Muitas vezes, estão errados. No caso de Jane Austen, estão certos. Não só Austen escreveu uma série de paródias baseada em sua família, como também, em seus livros, a trama gira em torno do contexto familiar das personagens, demonstrando o poder que este exerceu sobre a escritora. Além disso, como assinala Bonnie Blackwell (2010), os membros de sua família foram seus primeiros críticos: sua mãe foi a primeira a não gostar de Fanny Price, chamando-a de insípida, e Cassandra, sua irmã mais velha, deu a ideia de Fanny se casar com Henry Crawford para torná-la mais interessante, seu irmão Edward Knight mostrou uma falha na história de *Emma*, na qual a autora tinha escrito que as flores das macieiras desabrocharam em julho.

As objeções e os elogios da família de Austen revelam uma grande prioridade para o realismo, incluindo o realismo psicológico, como o objetivo da ficção. Os irmãos de Austen escrupulosamente policiaram sua verossimilhança, às vezes a seu pedido [...] (BLACKWELL, 2010a, p. 41) (tradução minha).

¹ Austen's family's compliments and objections reveal a high priority for realism, including psychological realism, as the goal of fiction. Austen's brothers scrupulously policed her verisimilitude, sometimes at her request [...]

Aqueles que pesquisam a vida familiar de Austen reparam como esta a influenciou na escrita de seus livros e é ponto de interesse de vários fãs e pesquisadores. O paralelo entre a vida pessoal e a vida profissional da autora desperta a curiosidade de vários (inclusive a minha) que desejam encontrar exemplos da semelhança entre esses dois mundos da romancista – sejam estes óbvios ou aparecendo de forma sutil, o que os força a reler os livros dela, que provavelmente já leram várias vezes (o que, conseqüentemente, os faz notar algo que não tinham percebido antes, tornando-se, assim, cada vez que releem a obra da autora, mais sábios em relação aos vários temas e sutilezas presentes nela).

Um aspecto da vida de Jane Austen que é demonstrado em quase todos os seus livros é o relacionamento próximo entre irmãs. Do mesmo modo que ela e sua irmã Cassandra eram bem unidas, também são as personagens Elinor e Marianne, de *Razão e Sensibilidade*, Elizabeth e Jane, de *Orgulho e Preconceito*, Fanny e Susan, de *Mansfield Park*.

É preciso mencionar que vários de seus personagens têm o mesmo nome de membros da sua família: Fanny era o nome de uma de suas sobrinhas; Henry, Charles, Frank e Edward, de seus irmãos; George, de seu pai. Até o sobrenome de um de seus irmãos, Knight, é parecido com Knightley, que é o sobrenome do par romântico de Emma, além do fato de que esse irmão foi adotado por um primo distante e adotou esse sobrenome, parecido com o que acontece com Frank Churchill em *Emma*, só que este personagem é adotado pelos tios. As profissões dos homens de seus livros também são as mesmas dos homens de sua família: seu pai era um clérigo e Charles e Frank serviram na Marinha. Até os lugares descritos em seus livros também são conhecidos pela autora, como Bath.

Outro aspecto interessante é o fato de que a autora só casa suas heroínas com homens em situação confortável (ou até mais) monetariamente. Blackwell (2010), citando um crítico de Jane Austen chamado Edward Copeland, considera a falta de fortuna de Austen a razão pela sua preocupação em casar suas heroínas com homens de fortuna, “é a flecha com ponta de amor que visa os corações’ de suas heroínas e seus leitores” (BLACKWELL, 2010b, p. 40)² (tradução minha).

² “[...] is the love-tipped arrow aimed at the hearts” of both her heroines and her readers

Uma posição partilhada tanto pela autora quanto pelas suas heroínas é a crença que uma mulher só deve-se casar por amor. Muitos críticos dão credibilidade a essa posição firme da autora pelo fato de que ela permaneceu solteira toda a sua vida, embora tenha recebido um pedido de casamento de um homem muito rico chamado Harris Bigg-Wither (pedido que foi aceito, embora Austen tenha cancelado o noivado no dia seguinte), vendo isso como uma prova da firmeza de sua posição.

“Jane Austen foi a primeira mulher a se tornar uma romancista importante” (MUSSE, 2010a, p. 111). Suas obras mais famosas são: *A Abadia de Northanger* (1799), *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1816) e *Persuasão* (1816). Embora os personagens sejam diferentes, vários temas se repetem nas obras, como: o papel da mulher na sociedade, preconceito social, jornada de autodescoberta, superação de desafios, balanço entre emoção e razão. Mesmo tendo se passado dois séculos, seus livros ainda são lidos por muitos em diversos países e são adaptados para o cinema e para a televisão, sendo que algumas adaptações se aproximam mais da proposta narrativa (por exemplo, o filme *Orgulho e Preconceito*, a minissérie *Razão e Sensibilidade* do canal BBC) enquanto outras apresentam uma versão mais moderna dos livros (como é o caso do filme *As Patricinhas de Beverly Hills*, que foi adaptado do romance *Emma*). Seu sucesso se dá, entre outros motivos, pelo fato de suas obras retratarem situações que persistem até os dias atuais, por exemplo: o preconceito social, a divisão de classes, o amor, as relações familiares. Nesse sentido, Genilda Azerêdo (2003a, p. 25) argumenta que os personagens de Austen:

[...] são construídos de maneira tal que “soam” como se fossem pessoas comuns, com seus dramas e dilemas cotidianos; com suas esperanças (muitas vezes vãs) de encontrar um afeto verdadeiro; com suas perversidades, seus erros, mas também com suas crenças na integridade, no respeito e na busca do conhecimento e maturidade intelectual e emocional.

Sendo assim, podemos traçar um paralelo do modo como Austen escreve seus personagens com a concepção de personagem estabelecida por Antônio Cândido (1968, p. 51) - que a considera como a representação da “possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc.” - e de Beth Brait (1987) - que expõe a ideia aristotélica de personagem como “reflexo da pessoa humana”.

Outra questão que é importante assinalar em relação aos romances de Austen é a linguagem presente neles. Deresiewicz (2011a, p. 16-17) comenta a linguagem da autora, alegando que esta não apresentava nenhum exibicionismo ou vontade de impressionar o leitor, mas “palavras comuns em sua ordem natural [...] Não foram as palavras que Austen utilizou

que criaram seus efeitos, foi o jeito que ela as usou, o modo como as agrupou e equilibrou”³ (tradução minha). Azerêdo (2003) concorda com a importância da linguagem nas obras de Austen ao afirmar que outra razão pela qual seus livros são tão populares é o modo como a escritora se utiliza da linguagem, como desenvolve os diálogos e pela inovação do uso do discurso indireto livre. “E dentro dessa construção linguístico-literária, a ironia ocupa lugar de destaque” (AZERÊDO, 2003b, p. 25).

Não há como negar que a ironia é um dos maiores artifícios que torna seus livros tão atraentes, dando-lhes um tom cômico e crítico. No trecho a seguir, Azerêdo (2003c, p. 26-27) discorre sobre esse elemento das obras de Austen:

Na obra de Jane Austen a ironia aparece de modo bastante variado; não só através da caracterização irônica dos personagens, e através dos seus próprios diálogos e discursos, mas principalmente através do discurso da voz narrativa. O narrador, em Jane Austen, detém um conhecimento superior – partilhado pelo leitor – que se opõe à ignorância dos personagens e o conflito entre esses dois níveis é responsável por gerar um primeiro tipo de ironia. A complexidade de seu discurso irônico chega ao máximo num romance feito *Emma*, em que a personagem-protagonista-heroína, Emma, faz uso da ironia para com outros personagens, mas não sabe que ela própria é vítima da ironia cortante da narrativa.

Os seus livros não contam histórias fantásticas e cheias de aventuras, em lugares

³ [...] everyday words in their natural order [...]. It wasn't the words that Austen used that created her effects, it was the way she used them, the way she grouped and balanced them.

desconhecidos: muito pelo contrário, tratam de assuntos do cotidiano com os quais os leitores podem se relacionar num cenário familiar. De acordo com Musse (2010b, p. 112), “Austen considera a vida familiar em toda a sua complexidade, nas relações entre irmãos, entre pais e filhos, entre parentes distantes, bem como seu impacto sobre a estrutura psicológica dos indivíduos”; e Azerêdo (2003d, p. 22-23) solidifica essa alegação ao declarar que

Falar de Austen significa falar, dentre outras coisas, do que Deborah Kaplan denomina ‘ideologia da domesticidade’, ou seja, um tema que inclui a família, a necessidade do casamento (principalmente para as mulheres), as relações com parentes. Vizinhos, amigos, tudo aquilo que constitui o universo doméstico e seus valores. Valores inicialmente domésticos que se imbricam com o social e o público ao abarcarem noções de civilidade, direitos, boas maneiras, decore e respeito.

A autora faz uma boa caracterização do mundo representado nas obras de Austen ao dizer que nelas é retratada a chamada ‘gentry society’, que era “a classe social rural inglesa, proprietária de terras, mas menos abastada, e considerada menos nobre, que a aristocracia” (AZERÊDO, 2003e, p. 22) . Azerêdo ainda aponta que é dentro desse mundo “estreito e confinado” que “atenção é dada às personagens femininas e seus anseios” (op. cit.). Essas personagens femininas “[...] são jovens, com vestígios da inocência infantil, deliberando sobre o seu futuro, um destino em larga medida irreversível, em meio a uma ciranda de passeios, visitas, bailes e chás” (MUSSE, 2010c, p. 111).

Os livros de Jane Austen são pertencentes ao gênero literário chamado “novels of manners”, que lidam com aspectos de costumes, linguagem, modos de pensar e valores característicos de certa classe social (Abrahams, 1999), como é o caso dos romances da autora.

Vale salientar que, embora os livros de Austen englobem várias características do gênero “novel of manners”, há algo no modo como a romancista os escreve que revela mais que uma vontade de exibir como era a sociedade da época: ela utiliza seus livros como uma forma de criticar a subjugação das mulheres. Como apontam Gilbert & Gubar (2000a, p. 112)

Embora tenha se tornado um símbolo de cultura, é chocante o quão persistentemente Austen demonstra seu desconforto para com sua herança cultural, especificamente seu descontentamento com o pequeno lugar dado às mulheres no patriarcalismo e sua análise da economia da exploração sexual⁴ (tradução minha).

Esses pontos sendo desenvolvidos no trecho:

[...], em todos os seus romances Austen examina a impotência das mulheres, que constitui a base da pressão para se casar, a injustiça das leis de herança, a ignorância

das mulheres a quem são negadas uma educação formal, a vulnerabilidade psicológica da herdeira ou viúva, a dependência explorada da solteirona, o tédio da mulher que não tem vocação (GILBERT & GUBAR, 2000b, p. 136) (tradução minha)⁵.

Como é destacado por Gilbert & Gubar (2000c, p. 120) “Austen dramatiza o quão danoso tem sido para as mulheres habitar uma cultura criada por e em prol dos homens”⁶ (tradução minha). As duas autoras divulgam várias críticas presentes em suas obras, por exemplo: as convenções literárias que moldaram as vidas das mulheres, as imagens literárias de ambos os sexos – que propagam a imagem da mulher virtuosa como sendo passiva e do homem como sendo um ser agressivo -, o confinamento das mulheres, que para Austen “não é só uma metáfora, mas também um fato da vida” (p. 124)⁷ (tradução minha), o fato de que, apesar de Austen criticar, principalmente em *Juvenilia* e em *Northanger Abbey*, que a maior parte dos livros de ficção se resumem a

⁴ Although she has become a symbol of culture, it is shocking how persistently Austen demonstrates her discomfort with her cultural inheritance, specifically her dissatisfaction with the tight place assigned women in patriarchy and her analysis of economics of sexual exploitation.

⁵ [...], in all her novels Austen examines the female powerlessness that underlies monetary pressure to marry, the injustice of inheritance laws, the ignorance of woman denied formal education, the psychological vulnerability of the heiress or widow, the exploited dependency of the spinster, the boredom of the lady provided with no vocation.

⁶ [...] Austen dramatizes how damaging it has been for women to inhabit a culture created by and for men.

⁷ [...] is not a metaphor so much as a literal fact of life.

casamentos, bailes, seus livros são limitados a esses assuntos, passando uma mensagem clara: a de que o casamento é a única forma da mulher se definir na sociedade, e como as mulheres tem que aprender a viver confinadas, sob o controle patriarcal, este sendo dependente da subjugação da mulher.

Muitos criticaram Austen por escolher temas tão comuns e por ter escolhido cenários considerados banais: Austen escreveu seus livros numa época em que os que eram considerados dignos de se ler eram os góticos, os que tinham aventura, sedução. De acordo com Deresiewicz (2011b, p. 21), “Austen sabia exatamente o que estava fazendo quando criou sua ficção baseada no dia-a-dia”⁸, e que essa tinha sido “uma escolha artística revolucionária, um desafio corajoso da convenção e das expectativas”⁹ (op. cit.) (tradução minha). Ele defende a ideia de que a autora “[...] não havia escrito sobre os assuntos do dia-a-dia porque não conseguia pensar em mais nada para falar. Ela tinha escrito sobre eles porque quis mostrar o quão importante eles realmente são”¹⁰ (DERESIEWICZ, 2011c, p. 12) (tradução minha) e que

Ao eliminar todos aqueles acontecimentos grandes e barulhentos que geralmente nos interessa quando lemos romances – as aventuras e casos, os romances e as crises, até, às vezes, a trama – Austen estava pedindo que prestássemos atenção às coisas que geralmente não notamos ou não damos muito valor, em romances ou na vida. As coisas pequenas e banais do dia-a-dia, as coisas que acontecem toda hora com as pessoas ao nosso redor: o que seu sobrinho disse, o que seu amigo ouviu, o que seu vizinho fez. Isso, ela estava nos dizendo, é o que consiste nossas vidas. É disso que a vida realmente se trata (DERESIEWICZ, 2011d, p. 13)¹¹ (tradução minha).

⁸ [...] Austen knew exactly what she was doing when she created her fiction of ordinary life.

⁹ [...] a revolutionary artistic choice, a courageous defiance of convention and expectations.

¹⁰ [...] had not been writing about everyday things because she couldn't think of nothing else to talk about. She had been writing about them she wanted to show how important they really are.

¹¹ By eliminating all the big, noisy events that usually absorb our interest when we read novels – the adventures and affairs, the romances and the crises, even, at times, the plot – Austen was asking us to pay attention to the things we usually miss or don't accord enough esteem, in novels or in life. Those small, “trivial”, everyday things, the things that happen hour by hour to the people in our lives: what your nephew said, what your friend heard, what your neighbor did. That, she was telling us, is what the fabric of our years really consists of. That is what life is really about.

Outro campo de estudo nas obras de Jane Austen é o realismo presente neles. Bonnie Blackwell (2010) informa que os críticos que se concentram nesse tema são divididos em dois grupos: aqueles que se utilizam de um conceito padrão de realismo e censuram Austen por seu silêncio em relação aos eventos históricos da época, como o comércio de escravos e as Guerras Napoleônicas; e aqueles que adotam outro conceito de realismo, o chamado realismo psicológico, que estuda as nuances da personalidade do ser humano, e aplaudem a autora pelo modo como retrata esse quadro. “Seu realismo tem sido, para muitos de seus leitores, a principal qualidade para elogio nas obras de Austen: seus retratos sutis da tolice do ser humano ressoam com muitos” (BLACKWELL, 2010c, p. 41)¹² (tradução minha).

Entretanto, há alguns críticos que rejeitam a ideia de que suas obras estão livres de referências a acontecimentos históricos da época: Blackwell (2010d, p. 45) menciona que “críticos pós-coloniais argumentam que Fanny Price substitui a figura ausente do escravo em *Mansfield Park*, uma vez que o nome do romance é uma homenagem a uma decisão abolicionista marcante, a decisão de Lorde Mansfield no caso de Somerset em 1772, amplamente conhecida por proibir a escravidão na Bretanha”¹³ (tradução minha). Um exemplo que confirma esse ponto de vista se encontra em *Emma*, em que há um trecho que menciona brevemente a escravidão, durante uma conversa entre as personagens Sra. Elton e Jane Fairfax: “Oh! Querida! Carne humana! Você me espanta! Se está se referindo ao comércio de escravos, posso lhe garantir que o Sr. Suckling tem sido o maior partidário da abolição” (AUSTEN, 2012a, p. 371).

¹² Her realism has been, for many readers, the chief quality to praise in Austen: her subtle portraits of human folly resonate with many.

¹³ Post-colonial critics have come to argue that Fanny Price stands in for the absent figure of the slave in *Mansfield Park*, since the naming of the novel is an homage to a landmark abolitionist decision, Lord Mansfield’s ruling in the Somerset case in 1772, widely understood to outlaw slavery in Britain.

Embora a romântica¹⁴ em Jane Austen escreva sobre heroínas que se casam por amor e desdenham casamento por interesse, seu lado prático também aparece ao juntá-las com homens de fortuna. De acordo com Blackwell (2010e, p. 40), “é certamente inegável que ela presta muita atenção às rendas e aos ganhos potenciais de suas personagens núbeis [...]”¹⁵ (tradução minha), o que atesta para a importância da situação econômica em que uma pessoa devia se encontrar no tempo de Austen para garantir um bom casamento, seja este arranjado ou por amor.

¹⁴ Aqui, a palavra “romântica” se refere à pessoa que, no caráter, no temperamento ou nas ideias, revela algo de apaixonado, de nobre ou lírico, não a “romântica” no sentido de pessoa que pertence à corrente literária do Romantismo.

¹⁵ Certainly it is undeniable that she pays enormous attention to the incomes and potential earnings of her marriageable characters [...].

2. Algumas considerações acerca do *matchmaking*

Como nosso foco de análise é discorrer acerca da prática de *matchmaking* em *Emma* de Jane Austen, faz-se necessário tecer algumas considerações sobre o termo. Primeiramente, *matchmaking* é uma palavra composta. A palavra *match* possui vários significados na língua inglesa: de acordo com o dicionário Oxford, como substantivo, pode significar “casamento” ou “uma pessoa vista em relação à sua elegibilidade para o casamento, especialmente no que diz respeito à classe ou riqueza”; como verbo, “juntar (alguém ou algo) com alguém ou algo apropriado ou harmonioso”. O verbo *make* significa “fazer”. Ao juntar essas duas palavras – transformando o verbo *make* num substantivo ao acrescentar o “-ing” –, construímos uma palavra composta – *matchmaking* –, que adquire um significado específico.

Diante do exposto, *matchmaking* é o processo de juntar duas pessoas com o intuito delas se casarem. Tal prática existe há séculos e vem sofrendo modificações ao longo do tempo. Podemos dizer que antigamente *matchmaking* era sinônimo de casamento arranjado, com os pais decidindo com quem seus filhos deviam se casar, baseando sua decisão em fatores como riqueza, posição social. Esse costume ainda existe em certas partes do mundo, principalmente no Oriente, mas podemos dizer que as regras foram relaxadas, e agora os filhos têm o poder de escolha entre os pretendentes que seus pais escolhem.

Em casamento arranjado, os noivos podem ser de um mesmo grupo econômico, social, religioso, étnico e cultural (homogamia), ou podem pertencer a grupos distintos (heterogamia) (Lu, 2008); ou eles podem ser parentes consanguíneos, como primos em primeiro ou segundo grau, ou até entre tios e sobrinhas, sendo esse tipo comum em certas comunidades - na judaica, por exemplo, que permite o casamento entre tios e sobrinhas; no sul da Ásia, onde casamentos consanguíneos são permitidos pelo budismo; e até no Reino Unido e na Austrália - e ilegais em outras, como em várias partes dos Estados Unidos (Bittles, 2001).

Entretanto, essa atividade adquiriu outro formato, mais relacionado à área de negócios: não são mais os pais que são responsáveis por encontrar alguém para seu(ua)s filho(a)s sem o seu consentimento, agora o próprio indivíduo procura ajuda de estranhos que se dizem profissionais para encontrar sua “alma gêmea”. Há várias agências de *matchmaking* ao redor do mundo, umas mais famosas que outras, que faturam milhões todo ano com o número de pessoas que procuram seus serviços. Todas se utilizam de um questionário que o usuário preenche, alguns mais abrangentes que outros, fornecendo informações como idade, gostos, hobbies, que será avaliado para que seja encontrada a pessoa mais compatível.

A partir das considerações acima apresentadas, evidenciaremos as modificações do *matchmaking* desde o tempo de Jane Austen até os dias atuais, ressaltando suas semelhanças e diferenças, como apresentaremos nos tópicos a seguir.

a. *Matchmaking* no tempo de Jane Austen

Dobošiová (2006a, apud Stone, p. 8), descreve as quatro principais razões que determinavam a escolha de um cônjuge no século XVIII, sendo elas: consolidação política, econômica ou social, (que era o motivo mais comum); “afeição, companheirismo e amizade baseados nas qualidades psicológicas, intelectuais e morais do futuro cônjuge, testado por um longo período de cortejo” (p. 8)¹⁶ (tradução minha); atração física e, por último, amor romântico,

retratado em ficções ou no teatro, com uma concentração obsessiva nas virtudes de outra pessoa, uma cegueira em relação às possíveis imperfeições do outro, e rejeição de todas as outras opções ou considerações, em particular questões importantes como dinheiro ou propriedade (tradução minha) (op. cit.)¹⁷.

O primeiro motivo se relaciona diretamente com a antiga convenção do casamento arranjado, que pode ser definido como um tipo de união matrimonial na qual os noivos são selecionados por outras pessoas, geralmente os pais ou o membro da família mais velho. Em certos casos, um casamento arranjado envolvia um casamenteiro, como um padre ou líder religioso, amigos em comum ou outra pessoa de confiança (Reis & Sprecher, 2009).

¹⁶ [...] personal affection, companionship and friendship based on the moral, intellectual and psychological qualities of the prospective spouse, tested by a lengthy period of courtship.

¹⁷ [...] portrayed in fiction and on the stage, an obsessive concentration upon the virtues of another person, a blindness to all his or her possible defects, and rejection of all other options or considerations, in particular such important matters as money or property.

Em certas culturas, o papel de casamenteiro era, e ainda é, muito profissionalizado. No artigo *Matchmaking Around the World*, escrito pelos funcionários do eHarmony, são citados o shadchan (palavra judaica para casamenteiro) dos judeus asquenazes e os astrólogos hindus, considerados ainda hoje como consultores de extrema importância na escolha do cônjuge ideal.

A dança e os bailes também eram usados informalmente como uma forma de *matchmaking*. Tais eventos eram sempre atendidos por pais ou pessoas que serviam de acompanhantes para aqueles que estavam na idade ideal para casar, assim podendo observar pretendentes em potenciais, receber conselhos de outros e impedir qualquer comportamento inaceitável ou que aqueles em sua custódia fizessem uma má escolha.

Quanto à sociedade britânica, Dobošiová (2006b, apud Stone, p. 23) explica que

em termos de poder de arranjar um cônjuge, no século XVIII, quatro opções eram viáveis. A primeira era que a escolha era feita completamente pelos pais, parentes e amigos da família, sem o conselho ou consentimento do noivo e da noiva. A segunda opção era que a escolha também fosse feita pelos pais antes, mas era dado às crianças o direito de veto [...]. A terceira opção, feita necessária graças à ascendência do individualismo¹⁸, era que a escolha era feita pelos próprios filhos, entendendo-se que eles escolhessem dentre uma família com mais ou menos a mesma situação financeira e posição social e os pais tinham o direito de veto. A quarta opção, que era muito rara no século XVIII, principalmente nas classes mais altas, era que os filhos escolhessem sozinhos e simplesmente informassem os pais de sua decisão¹⁹.

¹⁸ [...] in terms of power to make a match, four basic options were available in the eighteenth-century society. The first is that the choice was made entirely by parents, kin and family friends, without the advice or consent of the bride or groom. The second option is that the choice was also made by parents before but the children are granted a right of veto [...]. The third option, made necessary by the rise of individualism, was that choice was made by children themselves, on the understanding that children will make it from a family of more or less equal financial and status position and the parent have the right of veto. The fourth option, which was very rare in the eighteenth century, especially among upper classes, was that the children made their own choice, and merely informed their parents of their decision.

¹⁹ A palavra individualismo abrange várias ideias, doutrinas e atitudes cujo fator comum é a atribuição de centralidade ao “indivíduo” e significa a dissolução dos laços sociais, o abandono, pelos indivíduos, de suas obrigações e compromissos sociais.

Vale dizer que, na segunda opção, o direito de veto citado se aplicava mais ao noivo do que à noiva.

A primeira opção era a mais comum. O casamento, principalmente nas classes mais abastadas, era nada mais do que uma forma de melhorar o *status* social da família e/ou sua situação financeira, e também uma forma de continuar a linhagem. A felicidade dos filhos não era tão relevante quanto às vantagens que um casamento podia oferecer. Somente os pais de mente mais progressiva levavam em conta na escolha de um(a) futuro(a) esposo(a) os sentimentos e os desejos do(a) filho(a) e lhes davam certa liberdade, “certa” sendo a palavra-chave, já que os filhos só podiam escolher entre indivíduos já selecionados pelos pais como bons partidos, ou, caso os pais os deixassem escolher sozinhos, alguém que pertencesse à mesma classe social (ou, de preferência, a uma classe mais elevada) e/ou estivesse numa situação financeira parecida. Como podemos ver, os pais tinham grande poder sobre os filhos na escolha de um cônjuge e raramente eram deixados de lado nessa escolha. O casamento, então, se traduzia como um dever para os filhos, principalmente para as mulheres.

Dobošiová (2006c, p. 24) ainda afirma que

Jovens garotas podiam ser controladas mais facilmente por causa de seu papel passivo em um cortejo e seus casamentos asseguravam sua segurança financeira. Filhas estavam numa posição desprivilegiada porque seu único futuro estava no casamento²⁰ (tradução minha).

Esta citação adverte para a condição da mulher naquela época, considerada como o sexo frágil, tendo de ser obediente e cujo papel era restrito ao de esposa e mãe.

De acordo com Perrot (2008, p. 46), “o casamento é a condição normal da grande maioria das mulheres. [...] O celibato é considerado a situação das ‘desprezadas’, das ‘solteironas’, que serão boas tias (deixando herança) ou intrigantes temíveis”.

²⁰ Young women could be controlled more easily because of their rather passive role in a courtship and their marriages ensured their economic security. Daughters were in a weak position because their only future lay in a marriage.

As mulheres, então, estavam sob grande pressão para se casar, pois o casamento era visto como seu destino, a sua missão, a sua salvação financeira, muitas vezes, e aquelas que não conseguiam arranjar um marido eram motivo de troça, pois o fato de permanecerem solteiras significava que ninguém as quis.

Ainda sobre a questão do casamento, a autora alega que

O casamento, 'arranjado' pelas famílias e atendendo a seus interesses, pretende ser aliança antes de ser amor – desejável, mas não indispensável. Os pais desconfiam da paixão, destruidora, passageira, contrária às boas relações, às uniões duráveis que fundam as famílias estáveis (PERROT, 2008b, p. 46);

As mulheres, então, eram vistas não como pessoas com sentimentos, mas como um meio para os fins da família: eram como mercadorias, trocadas pelas vantagens prometidas pela família do noivo no momento em que ela passasse a pertencer a ele. Antes de ser uma boa esposa, ela devia ser uma boa filha e sacrificar sua felicidade (talvez) e sua liberdade pelo bem da família. Para isso, eram ensinadas desde pequenas que esse era seu dever, não só com a família, mas também consigo mesma, uma vez que, de acordo com a cultura da época, o casamento era a única forma da mulher ser socialmente respeitada.

Perrot (2008c, p. 93) ainda apresenta um quadro que liga a educação que as mulheres recebiam no tempo de Austen com o papel que elas deviam desempenhar:

É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las. Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-la para seus futuros papéis de mulher, de dona-de-casa, de esposa e de mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas.

A educação que as mulheres daquela época recebiam era, pois, limitada, restrita, na maioria das vezes, às habilidades consideradas indispensáveis para desempenhar seu futuro papel de boa esposa e mãe. Qualquer outra educação que recebiam, por exemplo, tocar um instrumento musical, servia para torná-las mais atraentes a futuros pretendentes. A educação que recebiam garantiria que cumprissem com suas responsabilidades, sendo estas, para a mulher burguesa, as de

[...] zelar pela família e de manter a casa em ordem: arrumação e limpeza da casa ou do apartamento, lavagem e repassagem das roupas, elaboração do cardápio das refeições, cuidados e educação das crianças, organizações de soirées familiares, recepções da sociedade. Uma burguesa, mesmo sendo da classe média, reserva um

O amor se tornou, ao mesmo tempo, uma espécie de refúgio para as mulheres e uma forma de se resignar ao seu papel de submissão, dar algum sentido a ele, para que assim seu futuro como dona-de-casa obediente não parecesse tão sombrio.

Lipovetsky (2000b, p. 46) ainda assinala que

As expectativas femininas da paixão se enraízam em seu desejo de superar a condição de ser relativo assumindo uma condição de dependência afetiva radical. Já que a mulher está condenada à subordinação, só lhe resta se anular, afirmando o ser amado como um absoluto ao qual dedica toda a sua existência. Assim é encontrada uma “razão de viver”, uma saída para a vida monótona e decepcionante das mulheres.

Podemos dizer então que o amor exacerbado, a visão do homem amado como um ser perfeito para quem a mulher deve se dedicar e a procura por este são formas de dar sentido à sua existência e ter um pouco de aventura em sua vida. Ao mesmo tempo em que a mulher aceita seu estado de submissão e vê-lo como algo natural e seu dever, ela passa esse conceito para as futuras gerações de mulheres, assim perpetuando a noção de que o destino da mulher é se tornar uma esposa, o que contribui para a sobrevivência do *matchmaking*, quer este leve a um casamento arranjado ou a um casamento por amor.

b. *Matchmaking* nos dias atuais

Como foi assinalado anteriormente, a prática de *matchmaking* mudou ao longo do tempo: enquanto antigamente os pais decidiam quando os filhos deviam se casar e procuravam possíveis cônjuges para eles sem consultá-los, agora o próprio indivíduo pede ajuda a outros – amigos ou profissionais – para encontrar seu par perfeito. Antes o casamento era uma forma de garantir uma aliança, hoje em dia o principal, mas não o único, motivo para o casamento é o amor.

Casamentos arranjados ainda existem. Segundo O'Brien (2008), estima-se que 80% das culturas ao redor do mundo praticam alguma forma de casamento arranjado, particularmente na Ásia, África e Oriente Médio, e até certas partes dos Estados Unidos, do Canadá e da Europa, onde existem subgrupos de sociedades, como os hindus, que praticam esse costume. A permanência dessa prática se deve a razões como: tradição, falta de oportunidades de interações sociais entre homens e mulheres

com idade para se casar em algumas culturas, a vontade de agradar os pais e o baixo índice de divórcio nas sociedades onde os casamentos arranjados são a norma, contribuindo para a perpetuação da noção de que esse tipo de casamento é melhor do que casamentos por amor. Esse tipo de casamento predomina onde o patriarcalismo e a desigualdade entre os sexos ainda regem as relações sociais.

Segundo Mehndiratta, Mehndiratta & Paul (2007), casamentos arranjados e consanguíneos ainda existem, predominantemente no Oriente Médio, no Paquistão, na sociedade muçulmana na Índia, na sociedade hindu na Índia do Sul, Bangladesh e Sri Lanka, estes representando quase 50% dos casamentos em partes da Arábia Saudita e do Paquistão, 4% no Japão e em populações minoritárias na China. Sociedades paquistanesas, indianas e do Oriente Médio na Europa e nos Estados Unidos também praticam esse casamento.

Quanto aos motivos para a perpetuação do casamento consanguíneo, Mehndiratta, Mehndiratta & Paul (2007) explicam que:

A preferência por casamentos consanguíneos tem sido atribuída à tradição, à conservação da estrutura familiar e das propriedades, ao fortalecimento dos laços familiares, às vantagens financeiras relativas ao dote, ao relacionamento mais íntimo entre a esposa e os sogros, a maior compatibilidade social e a maior durabilidade e estabilidade no casamento (MEHNDIRATTA, MEHNDIRATTA & PAUL, 2007, p. 16)²¹ (tradução minha).

²¹ The preference to consanguineous marriage has been attributed to traditions, maintenance of family structure and property, strengthening of family ties, financial advantages relating to dowry, closer relationship between the wife and the in-laws, greater social compatibility, greater marriage stability and durability.

Quanto à sua legalidade, casamentos consanguíneos entre primos de primeiro grau são permitidos em certos países, como Reino Unido e Austrália, mas são considerados uma infração penal em oito países dos Estados Unidos, e ilegais em mais trinta e um, salvo algumas exceções, como a comunidade judaica de Rhode Island. Facções religiosas também possuem suas próprias regras sobre casamentos consanguíneos: por exemplo, as igrejas ortodoxas cristãs proíbem esse tipo de casamento, enquanto as católicas romanas exige permissão da diocese para casamentos entre primos de primeiro grau e as protestantes permitem uniões até e, incluindo, primos em primeiro grau (Bitlles, 2001).

Entretanto, o número de casamentos arranjados foi reduzido e transformado ao longo do tempo. Não só estes sofreram um grande declínio, mas também se converteram ao longo dos séculos em semi-casamentos arranjados, com os filhos tendo mais poder de escolha sobre seu(ua) futuro(a) esposo(a). Isso se deve a vários fatores: a globalização de produtos e informações, que afetaram as nações onde casamentos arranjados são comuns ao apresentar a noção de casamento por amor como a norma e algo muito mais satisfatório; o aumento da participação dos jovens em atividades fora de casa, sejam estas no mercado de trabalho ou em atividades por puro prazer; o acesso à educação acadêmica às mulheres, e o aumento de sua ingressão no mercado de trabalho, o que lhes promoveu maior autonomia, desconstruindo a concepção de que o dever da mulher é ser dona-de-casa e mãe, garantindo-lhes mais independência e o “desejo de escapar ao encerramento da vida doméstica” (Lipovetsky, 2000c, p. 221). Lipovetsky (2000d, p. 48) ainda discute a evolução do papel das mulheres na sociedade, analisando que

Em nossas sociedades, os papéis do sexo não são mais intangíveis: a dinâmica da igualdade já conseguiu desqualificar, entre outras coisas, a “dupla moral” sexual, o imperativo da virgindade, a destinação das mulheres ao lar, inúmeros bastiões tradicionalmente masculinos.

Sendo assim, mais e mais estão sendo quebrados os padrões de antigamente, a noção da divisão de papéis entre os sexos está desaparecendo (embora ainda tenha força na sociedade). Ter uma carreira agora é algo de extrema importância para as mulheres (sendo considerado, como foi salientado acima, uma forma de escapar do confinamento doméstico e de, como exprime Lipovetsky (2000), reivindicar sua autonomia dentro do casal); assim como a educação, que não se concentra mais em

formar esposas e mães perfeitas, mas sim futuras profissionais, não é mais vista só como um modo de passar o tempo até encontrar um marido. Além disso, espera-se dos homens agora que contribuam com os afazeres domésticos e a criação das crianças, e até há casos em que o marido permanece em casa, cuidando do lar e das crianças, enquanto a mulher trabalha e leva o sustento para casa.

Bing Li (2011) discute também essas mudanças causadas pela ascensão do individualismo, e revela que estas promoveram um grande impacto nos relacionamentos entre homens e mulheres, incluindo o namoro, sendo este e o romance agora “uma importante parte no estabelecimento de um relacionamento antes que os homens e as mulheres se casem”²² (LI, 2011a, p. 18).

Ainda sobre o tópico de casamentos arranjados, de acordo com Lu (2008), na China e em Taiwan, este perdeu força e o casamento por amor virou a norma, este se tornando o principal motivo para o casamento, e os jovens escolhendo com quem vão se casar sem a ajuda dos pais, embora a benção deles ainda seja procurada. Entretanto, ainda são levadas em consideração no casamento por amor questões como condições sociais e econômicas. Pode-se concluir, então, que mesmo em casamentos nos quais os noivos se escolheram sem ajuda, o amor não é o único fator que levam em conta ao escolher um cônjuge, principalmente em países onde casamentos arranjados representavam a maior parte dos casamentos até a metade do século XX.

Entretanto, mesmo que hoje em dia as pessoas tenham mais direito de escolher sozinhas com quem irão casar, elas parecem não ser muito boas em encontrar seu par perfeito, então voltam um pouco ao passado e, como foi evidenciado no começo desta seção, recorrem à ajuda de outros na busca de alguém com quem compartilhar sua vida. Alguns procuram a ajuda dos pais ou de amigos para encontrar alguém,

²² [...] an important part of establishing a relationship before men and women get married.

resultando geralmente no chamado encontro às escuras, no qual um conhecido arranja um encontro entre duas pessoas que nunca se conheceram antes, escolhendo-os geralmente por acharem que suas personalidades e gostos agradarão um ao outro. Em um artigo do *Los Angeles Times*, Kathleen Doheny discute sobre os casamenteiros automeados, que decidiram tornar sua missão de vida ajudar outros a encontrar seu par perfeito simplesmente pelo prazer que isso dá e para provar que são bons em juntar pessoas. De acordo com Doheny (1989), psicólogos afirmam que pessoas carinhosas e prestativas são as que se sentem mais inclinadas a essa prática e que mulheres representam o maior número desse tipo de casamenteiros. Ela também aponta que vários casamenteiros alegaram que esse trabalho não é fácil: de acordo com eles, parte de seu trabalho é “persuadir os menos dispostos, segurar a mão daqueles que foram feridos [...] e acalmar os que têm medo de compromisso”²³ (tradução minha); além disso, ao tentar formar um casal, eles se concentram nos pontos fortes dos pretendentes e se utilizam de vários artifícios para garantir o sucesso. Alguns casamenteiros são furtivos e criam situações para que o futuro casal pretendido se conheça, enquanto outros são mais óbvios e simplesmente pedem permissão para dar o nome e o telefone de um conhecido a alguém; e outros até se utilizam de psicologia reversa²⁴ (Doheny cita até um caso em que uma mulher chamada Bobbie Minami falou bem de uma amiga para um amigo e quando este pediu a ela o número do telefone da pessoa, ela disse que achava que eles não se dariam bem).

²³ cajole the less-than-willing, hold the hands of the mortally wounded and calm the commitment-phobics.

²⁴ De acordo com o dicionário Cambridge, psicologia reversa é um método utilizado para tentar fazer com que alguém faça o que você quer pedindo que façam o contrário, esperando que discordem de você.

Outro método que usam para se conseguir casamento, ou encontrar o parceiro “ideal”, é se inscrever em agências de *matchmaking*. Companhias que promovem *matchmaking* têm se tornado mais e mais famosas e são usadas por muitos: em 2005, o site eHarmony.com atraiu 2.7 milhões de usuários; o *Yahoo Inc.'s Yahoo Personals*, 5.9 milhões; e a *IAC/InterActiveCorp's Match.com*, 4 milhões. Constata-se, então, que a Internet tem sido uma grande aliada para aqueles que estão à procura de sua “carametade” e acham que não conseguem encontrá-la sozinhos (Colker, 2005).

Ainda, vale apontar que em Nova Iorque, uma casamenteira profissional chamada Janis Spindel revelou que o número de membros de sua agência subiu de 41% em 2009 para 46% em 2010, enquanto a agência *Premier Match*, nesse mesmo espaço de tempo, notou um aumento de 30% no número de serviços. Estima-se que essa indústria vale um bilhão de dólares nos Estados Unidos e em 2012, uma pesquisa feita pela firma *Marketdata Enterprises* revelou que existem cerca de 1.800 mil profissionais independentes atuando nessa área nos Estados Unidos (Tulshyan, 2010).

As agências de *matchmaking* atuam de várias formas: na maioria das vezes, o usuário preenche um formulário apresentando informações sobre si mesmo e sobre o que procura em alguém para ser avaliado pelas pessoas responsáveis, que se encarregam de encontrar alguém compatível entre seus usuários; outras agendam um horário com o psicólogo da empresa para que este possa fazer um perfil do usuário. O preço pelos serviços dessas agências varia muito: por exemplo, o *eHarmony* cobra mais ou menos vinte dólares por mês enquanto uma casamenteira chamada Amy Owens cobra cem dólares por hora. Certos casamenteiros e agências são bem seletivos, não aceitando clientes, por exemplo, que não têm diploma. Alguns se concentram somente em um grupo étnico, como Jasbina Ahluwalia, que em 2007 fundou um serviço de *matchmaking* para pessoas provindas da Ásia do Sul que vivem nos Estados Unidos, este levando em conta elementos pessoais do *matchmaking* na Índia. Pessoas que estão ocupadas demais para procurar por si mesmas seu par ideal ou divorciados geralmente recorrem a esses profissionais.

Embora a maior parte das pessoas que procuram ajuda para encontrar um(a) esposo(a) se utilizam dessas agências, há outras formas de buscar o auxílio que precisam: por exemplo, os programas de namoro televisionados e a indústria de noivas por encomenda.

A mídia se tornou um modo bastante popular e, para muitos, divertido de se conhecer alguém. De acordo com Li (2011), “[...] *reality shows* de namoro na

televisão têm se proliferado ao redor do mundo, o que tem envolvido mostrar os concorrentes do jogo e sua depressão e alegria para um público maior, geralmente com o propósito de divertir” (LI, 2011b, p. 18)²⁵ (tradução minha). Entre esses programas, os mais famosos são: *The Bachelor* e *The Bachelorette*, *The Choice* e *The Dating Game*, o primeiro aqui citado tendo dezoito temporadas.

Há também as noivas por encomenda, mulheres de países subdesenvolvidos que buscam maridos que vivem em países desenvolvidos. Quanto à indústria de noivas por encomenda, essa, segundo Chun (1996, p. 1155) se assemelha aos casamentos arranjados de antigamente, nos quais “as famílias enviavam uma ‘noiva por fotografia’ de suas cidades natais para homens solitários em países estrangeiros”²⁶. Essa prática, que havia terminado quando os países do Ocidente ficaram mais populosos, ressurgiu em 1970, graças ao Movimento das Mulheres dos Estados Unidos, que causou grande consternação entre a população masculina, que decidiu procurar noivas que possuíam valores tradicionais em países estrangeiros. As agências das noivas por encomenda publicam fotos de mulheres da Ásia, América do Sul e Europa Centro-Oriental em jornais e revistas ou oferecem catálogos, fornecendo informações como idade, altura, peso e interesses. Vale salientar que essa indústria se baseia em estereótipos e

²⁵ reality TV dating shows have proliferated all over the world, which has been involved in showing the game’s contestants and their happiness and depression to a wider audience, usually for amusement purpose.

²⁶ [...]families sent “picture brides” from their homelands to lonely men in foreign countries.

desigualdades econômicas transnacionais. Antes, a razão para o casamento das “noivas de fotografia” era, principalmente, para garantir a perpetuação da linhagem da família em países estrangeiros, enquanto hoje a principal razão é o lucro provindo desse ramo.

Apesar do fato de que as pessoas hoje em dia tomam maior iniciativa na procura de um cônjuge, seja conquistando alguém por si sós, ou contando com a ajuda de um amigo ou profissional, os pais ainda se intrometem na vida amorosa de seus filhos: por exemplo, no Japão, em 2005, foi constatado que o número de solteiros com mais de trinta anos havia mais que duplicado desde 1990, e os pais buscam a ajuda de casamenteiros para ajudá-los. Uma companhia chamada *Office An* dá festas nas quais os pais podem procurar pretendentes em potenciais para os seus filhos (Demetriou, 2008). Em 2013, essa companhia já havia promovido, no curso oito anos, sessenta festas nas quais participaram 6.500 pais, sendo que 10% dos encontros acabaram resultando em casamento. Há também os anúncios que os pais postam em jornais, sendo este artifício utilizado principalmente no sul da Ásia. Esses anúncios dão informações como educação, histórico familiar, algumas vezes acrescentando fatores físicos.

E não são só os pais que querem se intrometer: alguns governos também promovem eventos tendo em vista o *matchmaking*. Por exemplo, em um artigo do jornal *Wall Street Journal*, no ano de 2003, foi revelado que o governo de Singapura patrocinou várias formas de *speed dating* (um tipo de *matchmaking* em que um grande número de homens e mulheres se reúne em um lugar e conversam por alguns minutos e então trocam de par, e, no final do evento, eles anotam os nomes das pessoas com quem querem ir num encontro e recebem as informações necessárias para contatá-las) como uma tentativa de aumentar o índice de natalidade que havia diminuído drasticamente (Saywell, 2003).

Como vimos ao longo deste capítulo, o *matchmaking* ainda é uma prática que persiste nos dias atuais. Diferente do tempo da ficção de Austen, mas com os mesmos propósitos.

3. Emma: a casamenteira

O título de qualquer obra literária é importante: em poucas palavras, passa ao leitor as informações mais importantes da história. É cuidadosamente pensado e escolhido e geralmente evidencia o principal conflito da trama ou revela o personagem principal da história. Diante do exposto, iniciaremos nossa análise tecendo algumas considerações acerca do título do romance, objeto de estudo desta monografia.

É importante destacar que *Emma* é a única obra de Jane Austen batizada com o nome de sua protagonista. Esse fato demonstra a relevância da personagem e de suas ações não só para o desenvolvimento de sua própria história, mas também como para as dos outros personagens dentro da narrativa. Suas tentativas de encontrar um marido para sua amiga Harriet Smith e sua própria imaginação são a causa de boa parte dos conflitos presentes no romance.

Emma, embora solteira, já é uma dona de casa e é o retrato da mulher perfeita da época de Austen, como é demonstrado logo no primeiro parágrafo do romance:

Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, morava em uma casa confortável e tinha excelente caráter, parecia reunir algumas das melhores bênçãos da vida e viveu por cerca de vinte e um anos com quase nada que a afligisse ou chateasse. Era a caçula das duas filhas de um pai muito carinhoso e benevolente, e, em virtude do casamento de sua irmã, tornou-se a senhora de sua casa desde muito cedo [...] (AUSTEN, 2012b, p. 9).

Como dona da casa, Emma desempenha as funções citadas no segundo capítulo (embora aquelas tenham sido referidas à mulher burguesa²⁷, e ela seja da “*gentry*”): ela não só garante que a casa esteja em ordem, mas também organiza pequenas reuniões em seu lar para os amigos da família e cuida diligentemente de seu pai. Ela também faz trabalhos de caridade (comuns para alguém em sua posição social) e designou também a si mesma o direito reservado às matronas da sociedade: encontrar um marido para a pessoa que está sob sua proteção, que em seu caso, é sua melhor amiga. O fato de ter se voluntariado para tal tarefa é outro motivo, acredito, pelo qual a obra foi batizada com o

²⁷ No século XIX, “burguesia” se referia à classe média; não à classe alta como é denominada atualmente.

nome da protagonista: *Emma* é um livro cujo tema principal é *matchmaking* (lembrando que este é o processo de juntar duas pessoas com o intuito delas se casarem) e a heroína é a principal – mas não a única – casamenteira da história.

Sendo assim, serão analisadas as tentativas de *matchmaking* dos personagens, principalmente de Emma, estudando o modo como tentam obter sucesso em seus planos e seus motivos, também avaliando quais destes se enquadram nos padrões antigos de *matchmaking* e quais se enquadram nos padrões atuais.

Inicialmente, é preciso resgatar a avaliação que Doheny (1989) faz dos automeados casamenteiros. Segundo ela, as pessoas mais propensas a darem a si mesmas o trabalho de casamenteiras são prestativas e carinhosas, e Emma, apesar de seus defeitos, possui ambas essas qualidades – o motivo pelo qual ela escolheu o Sr. Elton como o próximo que ia ajudar era porque achou que ele queria se casar e tinha apreço por ele. Doheny (1989) também diz que os casamenteiros automeados salientam os pontos fortes dos pretendentes e astuciosamente planejam várias estratégias para ter sucesso em juntar os casais, o que é exatamente o que Emma faz. Ao conversar com o Sr. Knightley sobre o seu sucesso em unir a Srta. Taylor e o Sr. Weston, ela se gaba: “Se eu não tivesse promovido as visitas do Sr. Weston a esta casa, se não tivesse dados certos encorajamentos, nem amenizado certas dificuldades, ao final nada teria acontecido” (AUSTEN, 2012c, p. 19). Ao tentar casar Harriet e o Sr. Elton, Emma faz a mesma coisa; por exemplo, durante uma conversa entre as duas amigas, Emma faz questão de elogiá-lo:

- [...], acredito que qualquer jovem tomará uma ótima decisão se tornar como modelo o sr. Elton. Ele tem bom caráter, é alegre, amável e cortês. Parece-me que, ultimamente, tem andado especialmente gentil. Não sei se ele tem o objetivo de chamar a atenção de alguma de nós, Harriet, redobrando suas amabilidades. Mas parece-me que seus modos estão ainda mais gentis do que costumavam ser e certamente são para agradar alguém. Não lhe contei o que ele disse sobre você outro dia?

Ela repetiu uma série de elogios pessoais que o sr. Elton havia feito e Harriet sorriu, ficou corada, e disse que sempre achou o sr. Elton muito agradável (AUSTEN, 2012d, p. 47).

Vemos aqui nesse trecho um exemplo de uma das várias artimanhas que Emma usa para fazer Harriet se apaixonar pelo Sr. Elton, não só atribuindo-lhe um caráter brilhante – o que para Harriet, que confiava demasiadamente na opinião de Emma, era uma grande prova de sua ótima personalidade e uma excelente recomendação –, mas também dizendo que ele a havia elogiado, o que para alguém ingênuo e impressionável como Harriet teria muito impacto. Emma também criava situações para deixá-los a sós, como na vez em que fingiu que

precisava amarrar a bota e convenceu-os a continuarem o caminho em que estavam caminhando sem ela para dar a oportunidade para o Sr. Elton se declarar. Além disso, mesmo quando não está ativamente esforçando-se para unir um casal, ela ainda dá conselhos e encorajamentos, como na vez em que pensou que Harriet se apaixonara por Frank Churchill após ele tê-la salvado dos ciganos, e, quando a amiga confessou que não acreditava que algum dia ficariam juntos, Emma diz:

[...] Sim, creio que é muito honrado escolher alguém tão bem e com tanta gratidão. Mas que isso venha a ser além de uma feliz preferência é mais que posso prometer. Não aconselho a alimentar tais sentimentos, Harriet. Não sei se poderia ser correspondida. Considere suas possibilidades. Talvez seja mais sábio sondar seus sentimentos enquanto pode: pelo menos não será levada pelo coração, a menos que tenha certeza de que ele gosta de você. Você deve observá-lo. Deixe que o comportamento dele seja o guia de seus sentimentos [...] Ele é superior a você, sem dúvida, e é provável que haja obstáculos de toda natureza; ainda assim, Harriet, coisas ainda mais maravilhosas do que esta aconteceram, há casais ainda mais dispares (AUSTEN, 2012e, p. 421).

Do mesmo modo, quando acha que certa união não é apropriada, tenta de forma sagaz e sutil fazer a pessoa desistir da ideia de se casar com o par que considera inapropriado, como aconteceu quando se esforçou para fazer Harriet se esquecer do Sr. Martin, alegando que ele era jovem demais para se casar, devido ao fato de que ele é fazendeiro e demorará a fazer fortuna, que quando ele casar deve ser com alguém do mesmo nível social (o que Emma deixa claro que ambos não são ao dizer a Harriet que ela era provavelmente filha de um cavalheiro), que sua aparência é simples e seus modos não são refinados. Além disso, quando ele pediu Harriet em casamento, e esta pediu a opinião da amiga, usou o caráter indeciso e humilde de Harriet contra ela, e convenceu-a de que sua indecisão era prova de que ela não o amava e, portanto, não deveria aceitar a proposta de casamento.

O interessante sobre Emma é que a protagonista engloba características dos casamenteiros do período no qual o romance foi escrito e da atualidade: por um lado, ela acredita em casamento por amor e tenta reunir pessoas que acha que terão um bom relacionamento, analisando seus caracteres e sua compatibilidade; mas, por outro, ao decidir quem deve se casar com quem, ela leva em consideração aspectos como a posição social dos indivíduos, como confirmado no trecho a seguir:

[...] A situação do sr. Elton era mais adequada porque ele era um cavalheiro sem ligações com pessoas de nível social inferior e, ao mesmo tempo, não tinha familiares que pudessem colocar objeções a respeito do duvidoso nascimento de Harriet. Ele tinha uma confortável casa para oferecer à amiga, e Emma acreditava que também possuía uma boa renda; embora a paróquia de Highbury não fosse muito grande, ele era conhecido por ter uma propriedade independente. Ela o

considerava um homem de bom humor, boas maneiras, respeitável, sem nenhuma deficiência de entendimento útil ou de conhecimento de mundo.

Estava segura de que ele achava Harriet uma moça bonita, e confiava que suas visitas frequentes a Hartifield, de início seriam suficientes para que o sr. Elton se interessasse pela amiga. E quanto a Harriet, não restavam dúvidas de que a ideia de ser admirada por ele teria a influência e a eficácia que tais circunstâncias exigiam. A verdade é que ele era realmente um jovem muito agradável, que certamente agradaria a qualquer mulher que não fosse melindrosa. Era bonito, todos o admiravam [...] (AUSTEN, 2012f, p. 47-48).

Vemos aqui que, ao escolher o Sr. Elton como o futuro marido de Harriet, Emma pensou nas vantagens que essa união traria à amiga (uma casa confortável, boa posição social), o que demonstra a prevalência de certas mentalidades tradicionais sobre o que deve ser considerado como uma boa união e um bom partido; mas ela também analisou o caráter do pastor, sua personalidade, sua inteligência, usando-os como critérios de avaliação para se decidir se ele daria um bom marido para sua amiga. O mesmo fez quando escolheu unir o Sr. Weston e a Srta. Taylor, como é comprovado no fragmento: “O casamento era uma promessa de felicidade para sua amiga, uma vez que o Sr. Weston era um homem de caráter irrepreensível, fortuna considerável idade adequada e modos bastante agradáveis” (AUSTEN, 2012g, p. 10).

Emma também avalia Harriet. Durante uma discussão com o Sr. Knightley, centrada no fato de Harriet ter recusado, sob a influência de Emma, o Sr. Martin, Emma defende sua amiga ao distinguir seus vários atributos:

Ela não é uma moça brilhante, mas tem mais bom senso do que pensa, e não merece que se falem de seus dotes cognitivos de maneira tão superficial. Deixemos isso de lado e suponhamos que ela seja exatamente do jeito que você afirma, apenas uma moça bonita, de bom temperamento. Devo dizer-lhe que, de modo geral, sua feições não são triviais. De fato é uma moça bonita, e creio que praticamente todos concordam comigo [...]. Seu temperamento agradável também não é uma característica desprezível, sobretudo, como ocorre em seu caso, com sua doçura natural e modos agradáveis. Ela tem uma opinião muito humilde de si mesma e está sempre pronta a ficar satisfeita pelos outros [...] (AUSTEN, 2012h, p. 84-85).

Aqui notamos que o único critério que Emma considera para determinar se Harriet seria uma boa esposa ou não são seus dotes naturais, afirmando que a beleza e a doçura da amiga a recomendam a qualquer um. O fato de Harriet ser ilegítima é desconsiderado, algo incomum naquela época. Tudo isso marca uma alteração no campo do casamento (embora Emma caracterizando Harriet como perfeita por causa dos atributos mencionados expressa a permanência da ideologia da mulher como devendo ser um ser passivo).

Sendo assim, as reflexões e decisões da protagonista no momento em que esta tenta unir um par revelam as mudanças que estavam acontecendo em relação ao *matchmaking*, e os

casamentos de forma geral, no tempo de Austen: como foi explicado no capítulo anterior, a ascensão do individualismo resultou no aumento do número de casamento por amor, este se tornando mais comum ao longo do tempo e adquirindo mais importância. A própria protagonista é um exemplo dessa conversão, já que seu pai não a força a se casar (embora isso se deva principalmente ao fato de que ele odeia mudanças) e ela acaba se casando por amor. Embora, seguindo as tradições antigas, Emma atribui certa importância à posição social das pessoas que deseja que se casem, ela não tenta só convencer cada um que o outro se mostrará um bom cônjuge: antes de tudo, tenta fazer com que eles se apaixonem. Ela não aceita um casamento sem amor. Portanto, podemos concluir que, para ela, o amor é essencial em uma união, e que ela segue os padrões atuais dos casamenteiros, que ao unir um casal, o faz com a convicção de que suas personalidades são compatíveis e que se apaixonarão, ao mesmo tempo em que não deixa de lado aspectos como sua situação socioeconômica.

Também é necessário ponderar sobre os motivos por trás de seu desejo de casar as pessoas. Primeiramente, ela considera isso como um jogo, uma forma de diversão e, possivelmente, um modo de passar o tempo, já que, como mulher no século XIX e sendo rica, ela não tinha obrigações o suficiente para ocupar seu dia. A própria Emma afirma que unir pessoas “é o maior divertimento do mundo” (AUSTEN, 2012i, p. 17); segundo, em sua visão, essa é uma maneira de ajudar as pessoas a encontrar a felicidade, como detectamos quando ela cogita a ideia de arranjar um marido para Jane Fairfax após pensar que esta voltara para casa e ficara longe da família que a havia criado, os Campbell, e de sua melhor amiga, a filha deles, porque tinha se apaixonado pelo Sr. Dixon, o marido da dita melhor amiga. Emma acha que o que Jane precisa é justamente se casar. Ela até mesmo diz ao pai que faz isso “em favor de outras pessoas” (AUSTEN, 2012j, p. 17).

Atrrelado ao segundo motivo, existe outro: o fato de que ela crê que o destino das mulheres, pelo menos aquelas de situação social e financeira diferente da dela, é se casar. Reparamos e comprovamos essa teoria no trecho a seguir, relatando uma conversa entre Harriet e Emma:

- Mas, ainda assim, você será uma mulher solteira! E isso é terrível!
- Não se preocupe, Harriet, não serei uma pobre criada. E é a pobreza que torna o celibato desprezível! Uma mulher solteira, sem renda, seria uma velha criada, ridícula e desagradável! Seria motivo de piadas. Mas uma mulher solteira com boa fortuna é sempre respeitada, sensível e gentil, tanto quanto aos demais de seu nível. (AUSTEN, 2012k, p. 111-112)

Como foi explicado no capítulo dois desta monografia, o papel designado às mulheres na época de Jane Austen era o de esposa e mãe – e aqui retomamos a elucidação de Perrot (2008,

p. 46) sobre o destino da mulher naquele tempo, quando diz que “o casamento é a condição normal da grande maioria das mulheres. [...] O celibato é considerado a situação das ‘desprezadas’, das ‘solteironas’” – e a perpetuação dessa ideologia contribuiu para a perpetuação do *matchmaking*. Apesar de fazer certas concessões, Emma abomina a ideia de uma mulher que permanece solteira, o que se traduz, então, em outro motivo para procurar um marido para suas amigas.

O quarto motivo é a satisfação que sente ao conseguir unir um casal, como é aludido nos trechos: “[...] Além disso, havia uma satisfação pessoal em considerar que foi sua amizade desinteressada e generosa, além do desejo de felicidade que nutria pela amiga, que acabou por promover a união de ambos” (AUSTEN, 2012l, p. 10) e

[...] E depois de ter sido tão bem-sucedida, o senhor bem sabe como é! Todos diziam que o sr. Weston não se casaria novamente. [...] Todo tipo de tolices disseram sobre esse assunto, mas eu não acreditei em nada disso. Eu comecei a pensar no assunto desde o dia – há mais ou menos quatro anos – em que a srta, Taylor e eu nos encontramos com ele, em Brodway Lane, quando começou a chover e ele logo se antecipou, muito cavalheiro, a nos emprestar dois guarda-chuvas da loja Farmer Mitchell. Planejei o casamento desde aquele momento e, como fui bem-sucedida, papai, o senhor não pode esperar que eu vá abandonar o cargo de casamenteira, não é? (AUSTEN, 2012m, p. 17-18).

Outro motivo ainda que podemos citar é seu desejo de que as coisas sejam como ela quer. Emma é uma personagem mimada com uma imaginação fértil, então, quando sua mente cria um cenário que deseja, ela faz de tudo para garantir que este se torne realidade, motivo pelo qual ela se esforçou para fazer Harriet se esquecer do Sr. Martin, uma vez que não se relacionava com pessoas do círculo social dele e não queria perder sua mais nova melhor amiga.

Quer seus motivos sejam nobres ou egoístas, podemos atestar que Emma não nasceu para ser cupido: com exceção do casal Weston, ela se enganou em relação a todos os outros “casais” – Harriet e o Sr. Elton, Harriet e Frank Churchill e o amor proibido entre Jane Fairfax e o Sr. Dixon. Como ressalta o narrador, “os maiores perigos da situação de Emma eram, em parte, ter o poder para satisfazer todas as suas vontades e, por outro lado, ser propensa a ter uma autoconfiança extremamente exagerada” (AUSTEN, 2012n, p. 10). Palavras proféticas, pois foram essas características dela que causou problemas para os outros, especialmente para Harriet, e que acabarão também por fazer a protagonista ser ironizada pelo narrador, como podemos exemplificar no trecho

- O sr. Elton apaixonado por mim! Que ideia!

- Não posso afirmar tal fato, mas você perceberá se ele está ou não apaixonado ao observar seu comportamento. Creio que você age de modo a encorajá-lo. Eu lhe digo isso como amigo, Emma. Deve prestar atenção em você mesma, na maneira como age, e o que pretende transmitir com suas atitudes.

- Eu lhe agradeço, mas garanto-lhe que está completamente equivocado. O sr. Elton e eu somos bons amigos, e nada mais.

E assim Emma continuou caminhando, divertindo-se com os erros que as pessoas cometem ao analisar parcialmente as circunstâncias, os erros nos quais as pessoas que se julgam superiores caem. Entretanto, não ficou muito satisfeita com o cunhado por sua imaginação ser tão cega e ignorante, tão pouco recomendada. Ele não disse mais nada (AUSTEN, 2012o, p. 144).

Esse fragmento de *Emma* ilustra o comentário que Azerêdo (2003) fez sobre a protagonista ironizar os outros a seu redor e não saber que ela própria é vítima de ironia, pois aqui ela está convencida de que seu cunhado, John Knightley, está enganado sobre o Sr. Elton amá-la e ri para si mesma disso, quando na verdade ele está certo, mas sua imaginação, sua autoconfiança e sua vontade de que as coisas sejam como ela quer a cegam para esse fato, resultando, mais à frente na história, no coração partido de Harriet.

Além de Emma, há outros personagens que brincam de casamenteiros, embora estes não concentrem boa parte de seu tempo e sua energia tentando fazer como que o casal se apaixone, como é o caso de Emma. O Sr. e a Sra. Weston (antiga Srta. Taylor), por exemplo, também têm seus momentos ao tentar unir Emma e o filho do Sr. Weston, Frank Churchill. Desde o momento em que os dois se conhecem, fica clara a intenção do casal, como podemos reparar no trecho: “Ela não tinha dúvidas a respeito do que o Sr. Weston pensava. Percebeu, enquanto conversavam, quanto ele olhava para os dois com felicidade; e, mesmo quando não os observava, podia ouvi-los claramente” (AUSTEN, 2012p, p. 238), que comprova o interesse e a esperança do Sr. Weston de que os dois se dessem bem. No dia seguinte ao encontro de Emma e Frank, quando a sra. Weston e Frank decidiram caminhar juntos, a madrasta logo decidiu seguir o caminho para Hartfield, e não só, acredito, pelo afeto que sentia pelo local ou pelas pessoas que viviam lá, mas também para dar outra oportunidade a Frank e Emma de se conhecerem melhor. Além disso, o casal, assim como fez Emma com Harriet, fazia questão de elogiar o rapaz na frente de Emma, como vemos no trecho:

[...] A sra. Weston não se cansava de repetir o quanto era atencioso e amável, além de suas inúmeras qualidades. Frank parecia ter um temperamento muito franco, alegre e vivaz; ela não conseguia observar nada de errado em seu modo de agir, parecia um rapaz muito ajuizado (AUSTEN, 2012q, p. 254).

Eles ainda acharam necessário informá-la o quanto ele a admirava, como observamos no excerto: “O sr. Weston, por sua vez, acrescentou uma virtude que também tinha certo peso.

Ele induziu Emma a pensar que Frank a admirava demasiadamente, que a considerava muito bonita e charmosa [...]” (AUSTEN, 2012r, p. 254-255). Eles também desculpavam o filho quando este fazia algo meio estranho que podia diminuir a boa opinião de Emma sobre ele – por exemplo, quando Frank foi até Londres só para cortar o cabelo (ou foi essa a desculpa que deu). Enfim, empregaram táticas mais modernas de *matchmaking*, como Emma.

Não fica claro porque eles acham que os dois formariam um bom casal (talvez o fato dos dois terem personalidades parecidas contribua para essa ideia), mas sabe-se o porquê de eles quererem que Emma e Frank se casem: simplesmente porque queriam que Emma fizesse parte da família. Os Weston conheciam Emma desde pequena e tinham um grande apreço por ela, então esse sentimento era mais que natural. Sua vontade de vê-los casados não deriva de um desejo mercenário de conseguir um bom dote ou serem mais prestigiados socialmente (o que aconteceria se o filho deles se casasse com Emma uma vez que ela vem de uma família rica e é considerada a líder da sociedade de Highbury), mas sim do afeto que sentem por ambos, tornando evidente mais uma vez como o *matchmaking* estava se modificando naquele período. Em vez de irem ao pai de Emma e tentar arranjar um casamento entre eles, o que ainda era comum na época, eles somente apresentaram os dois, os encorajaram a passar tempo juntos e torceram para que se apaixonassem, como acontece na maior parte dos *matchmakings* hoje em dia.

Até mesmo o Sr. Knightley tem seu momento de casamenteiro, por assim dizer: quando o Sr. Martin vai pedir a opinião dele sobre se casar com Harriet, ele avaliou a situação do fazendeiro, que provou que tinha condições para se casar, deu sua benção e até fez elogios a Harriet. Embora julgasse o casamento algo desvantajoso para o amigo, já que Harriet era ilegítima e não tinha uma boa educação, ele o incentivou a pedi-la em casamento somente porque via o quanto o amigo a amava, como ele deixa bem claro na passagem: “O único escrúpulo que tive ao aconselhá-lo foi pensando nele, uma vez que ela, sendo inferior a ele, seria um péssimo relacionamento para sua família” (AUSTEN, 2012s, p. 82). Esse trecho comprova mais uma vez que estavam ocorrendo modificações na prática de *matchmaking*: o Sr. Knightley, embora desse importância à situação social de Harriet, não tornou esta um critério, mas sim a felicidade do Sr. Martin, algo que é mais comum hoje em dia do que era na época em que Jane Austen viveu.

Emma é uma obra que não só retrata o lento processo de transformação do *matchmaking*, mas também apresenta a ascensão do individualismo e suas consequências, além da luta entre a tradição e a modernidade: por um lado, vemos a conservação da importância da situação socioeconômica dos pretendentes e até mesmo o poder que os pais ainda exerciam na vida

amorosa dos filhos, como é o caso de Frank Churchill – que teve que manter seu noivado com Jane Fairfax em segredo porque sua tia, de quem ele era totalmente dependente, não aceitaria que ele se casasse com alguém em posição inferior a ele – e de Emma, cujo pai tentou fazê-la mudar de ideia sobre se casar com o Sr. Knightley; e por outro, temos os casais do romance se casando por nenhum outro motivo a não ser o amor, podendo escolher sozinhos a pessoa com quem passará o resto de suas vidas, a luta pelo direito de se casar com quem quisesse (como foi o caso da primeira Sra. Weston, que se casou com o Sr. Weston indo contra os desejos da família) e as técnicas mais modernas de *matchmaking* que aos poucos vem substituindo a prática de casamentos arranjados.

4. Considerações finais

A prática de *matchmaking* sofreu – e continua sofrendo – um processo de metamorfose. Antigamente, os pais escolhiam com quem seus filhos deviam se casar, geralmente sem consultá-los, usando como critérios de escolha a posição social que o pretendente ocupava, sua fortuna e as vantagens que a união entre as duas famílias traria para eles. Atualmente, o próprio indivíduo procura a ajuda de alguém – uma de *matchmaking* ou um conhecido – para encontrar seu par perfeito, e esses casamenteiros unem casais baseando-se na ideia de compatibilidade, julgando o caráter e a personalidade das pessoas que deseja unir, utilizando-se de várias estratégias (algumas sutis, outras não) para convencê-los a se darem uma chance, e o amor e a felicidade do casal é o objetivo.

O romance *Emma*, de Jane Austen, retrata a transformação que estava ocorrendo no campo de *matchmaking* durante o século XIX: embora considerassem a posição social e econômica de cada membro do casal que queriam ver caminhando para o altar (estes critérios ainda possuindo certo peso), este não era o único e nem o principal parâmetro na decisão de adequação do casal, mas sim os dotes pessoais de cada um, sua índole, e a possibilidade de serem felizes. Além disso, todos os casamentos realizados no livro foram por amor, o que estava gradualmente se tornando a norma.

Tradição e modernidade em relação à prática de *matchmaking* estão presentes em *Emma*, confrontando-se e unindo-se, ao mesmo tempo. Os casamenteiros da obra, especialmente Emma, embora ainda sejam regidos por certas convenções, desafiam certos costumes (casamento como uma transação mercenária) e se utilizam de técnicas modernas em suas tentativas de juntar um casal (elogiando cada membro do casal, criando oportunidades para ficarem juntos), atestando para a lenta transmutação de um *matchmaking* baseado no desejo de enriquecimento e ascensão social para um que se concentra na felicidade pessoal do indivíduo, tornando esta leitura interessante e atemporal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDULRAHIM, R. A matchmaking tradition with an up-to-date twist. **Los Angeles Times**, Los Angeles, 26 de dezembro de 2008. Disponível em: <<http://articles.latimes.com/2008/dec/26/local/me-biodata26>>. Acesso em: 25 de dezembro de 2013.

ABRAHMS, M.H. **A Glossary of Literay Terms**. New York: Heinle & Heinle, 1999. Disponível em: <http://mthoyibi.files.wordpress.com/2011/05/a-glossary-of-literary-terms-7th-ed_m-h-abrams-1999.pdf>. Acesso em: 17 de setembro de 2014.

AUSTEN, J. **Emma**. Tradução e notas: Adriana Sales Zardini. São Paulo: Martin Claret, 2012. (Coleção Jane Austen, vol. 4).

AZERÊDO, G. Jane Austen, **Adaptação e Ironia**: Uma introdução. João Pessoa: Editora Manufatura, 2003.

BITTLES, A. H. **A Background Summary of Consanguineous Marriage**. Edith Cowen University, 2001. Disponível em: <<http://www.consang.net/images/d/dd/01AHBWeb3.pdf>>. Acesso em: 14 de agosto de 2014.

BLACKWELL, Bonnie. **Jane Austen: the critical reception**. In: Jack Lynch (ed.). *Critical Insights: Jane Austen*. Salem Press, 2010, p. 37-52. Disponível em: <http://salempress.com/store/pdfs/austen_critical_insights.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2014.

BRAIT, B. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1993. 5ª ed.

CÂNDIDO, A. [et. al.]. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2008. 11ªed.

COLKER, D. Sounding Out the Singles Set. **Los Angeles Times**, Los Angeles, 01 de maio de 2005. Disponível em: <<http://articles.latimes.com/2005/may/01/business/fi-eharmony1>>. Acesso em: 25 de dezembro de 2013.

CHUN, C. **The mail-order bride industry: the perpetuation of transnational economic inequalities and stereotypes**. University of Pennsylvania Journal of International Law, 1996.

Disponível em: < [http://www.law.upenn.edu/journals/jil/articles/volume17/issue4/Chun174U.Pa.J.Int'lEcon.L.1155\(1996\).pdf](http://www.law.upenn.edu/journals/jil/articles/volume17/issue4/Chun174U.Pa.J.Int'lEcon.L.1155(1996).pdf) > Acesso em: 17 de agosto de 2014.

DASWANI, K. A 21st Century Spin on the Matchmaking Business. **Entrepreneur**. 21 de dezembro de 2010. Disponível em:< <http://www.entrepreneur.com/article/217726>>. Acesso em: 16 de agosto de 2014.

DEMETRIOU, D. Japanese parents hire matchmakers to marry off adult children. **The Telegraph**. Reino Unido, 24 de outubro de 2008. Disponível em:< <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/japan/3252489/Japanese-parents-hire-matchmakers-to-marry-off-adult-children.html>>. Acesso em: 24 de dezembro de 2013.

DERESIEWICZ, W. *A Jane Austen education: how six novels taught me about love, friendship, and the things that really matter*. New York: The Penguin Press, 2011.

DOBOSIOVÁ, Michaela. **Marriage and Human Relationships in the Eighteenth-century Britain**. Masaryk University, 2006. Disponível em: <http://is.muni.cz/th/125216/ff_b/Masaryk_University_in_Brno.pdf>. Acesso em: 21 de julho de 2014.

DOHENY, K. Matchmaker, Matchmaker: It's a Tricky Calling, but These Self-Appointed Merger Experts Are More in Demand Than Ever. **Los Angeles Times**, Los Angeles, 20 de junho de 1989. Disponível em:< http://articles.latimes.com/1989-06-20/news/vw-2658_1_matchmaking-public-relations-consultant-maven>. Acesso em: 25 de dezembro de 2013.

GILBERT, S. & GUBAR, S. **The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination**. Yale University Press, 2000. 2ª ed.

LI, B. **Modern Dating Age: Functional TV Dating Shows**. University of Sydney, 2011. Disponível em <http://www.artichokewebdesign.com/ARIN6912/PDFs/Bing_Li_Dating_Shows.pdf> Acesso em: 17 de agosto de 2014.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher: Permanência e revolução do feminismo**. São Paulo: Companhia de Letras, 2000.

LU, M. Gender, **Marriage and Migration: Contemporary Marriages between Mainland China and Taiwan**. Universidade de Leiden: 2008. Disponível em: <

<https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/13001/whole+thesis+final.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 de agosto de 2014.

MEHNDIRATTA, M. MEHNDIRATTA, P. PAUL, B. **Arranged marriage, consanguinity and epilepsy**. *Neurology Asia*, 2007, p. 15-17. Disponível em: <http://www.neurology-asia.org/articles/20073_015.pdf>. Acesso em: 14 de agosto de 2014.

MUSSE, R. **A Romancista Pioneira**. In: Josélia Aguiar (ed.) *7 clássicos ingleses*. São Paulo: Dureto, 2010.

O'BRIEN, J. **Encyclopedia of Gender and Society**. Califórnia: SAGE Publications, 2008, p. 40-42. Vol. 1.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

REIS, H & SPRECHER, S. **Encyclopedia of Human Relations**. Califórnia: SAGE Publications, 2009, p. 113-115. Vol. 3.

SAYWELL, T. Singapore plays matchmaker, hoping to boost its birth rate. **The Wall Street Journal**. Estados Unidos da América, 30 de janeiro de 2003. Disponível em:<<http://online.wsj.com/news/articles/SB1043880611701053064>>. Acesso em: 21 de julho de 2013.

TULSHYAN, R. \$100,000 Matchmaker, Make Me a Match. **Time**. Estados Unidos da América. 02 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://content.time.com/time/business/article/0,8599,2007394,00.html>>. Acesso em: 25 de dezembro de 2013.

<http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/match>.

<http://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/british/reverse-psychology>

http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12449/12449_7.PDF.

<http://www.eharmony.com/dating-advice/dating/matchmaking-around-the-world>.